

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

JON FOSSE

cenas de
uma infância



cavalo de ferro

ÍNDICE

Nota bibliográfica.....	9
Ele	11
Foi assim que tudo começou	19
E então o meu cão há-de voltar	27
O cabelo da Line	83
Cenas de uma infância	139
Sonhado em pedra.....	201

NOTA BIBLIOGRÁFICA

A presente edição reúne a melhor prosa curta de Jon Fosse e contou com a participação do próprio autor para a selecção dos textos. Seguiu-se uma ordem cronológica, por se entender ser a forma mais directa e simples de apresentar ao leitor obras que se espraiam ao longo de trinta anos de actividade literária, ao mesmo tempo deixando-lhe a liberdade de vislumbrar eventuais percursos. Eis a proveniência bibliográfica de cada um dos textos:

«Ele»: «*Han*» (1981) in *Eldre kortare prosa*, Det Norske Samlaget, 1998; reeditado em *Kortare prosa*, Det Norske Samlaget, 2011. (Embora frequentemente se refira que o livro de estreia de Jon Fosse é o romance «*Raudt, svart*» [Vermelho e Preto], de 1983, o autor considera que a sua estreia literária foi o conto «Ele», publicado pela primeira vez no jornal universitário *Studvest*, de Bergen, em 1981.)

«Foi assim que tudo começou»: «*Det var slik det byrja*» (1987) in *Eldre kortare prosa*, Det Norske Samlaget, 1998; reeditado em *Kortare prosa*, Det Norske Samlaget, 2011.

«E então o meu cão há-de voltar»: «*Og så kan hunden komma*» (1991) in *To forteljingar*, Det Norske Samlaget, 1993; reeditado em *Kortare prosa*, Det Norske Samlaget, 2011.

«O cabelo da Line:» *Lines hår* (1992) in *To forteljingar*, Det Norske Samlaget, 1993; reeditado em *Kortare prosa*, Det Norske Samlaget, 2011)

«Cenas de uma infância:» «*Prosa frå ein oppvekst*» (1994) in *Prosa frå ein oppvekst*; reeditado em *Kortare prosa*, Det Norske Samlaget, 2011.

«Sonhado em pedra:» «*Drøymt i stein*» (2013) in *Kortare prosa og ei hymne*, Det Norske Samlaget, 2015.

ELE
(1981)

A sua cabeça pende sobre as costas do sofá que comprei no ano passado, agora ele fecha os olhos, tem o rosto pálido, o cabelo comprido, espesso, escorrido, os olhos cerrados, sim, que belas mulheres, aquelas, mas eu cá nunca me aproximei de coisas dessas, rapaz – aquela música, aquele ritmo sincopado, daqui a pouco vamos comer pastéis de peixe, ela não sabe muito, mas pastéis de peixe até ela sabe cozinhar, a mãe também sabe, sim, ele não gosta de peixe, tem os olhos fixos no televisor e deixa-se ficar ali sentado, está sentado na minha sala de estar e pensa em livros, ele fecha os olhos, nunca conversamos um com o outro, aquelas enormes montanhas de livros, ele lê muito, fecha os olhos, cerra-os, ele é jovem, tantos livros, aquela senhora tem um sorriso aberto, dentes brancos, também ele tem dentes brancos, ela levanta-se, a comida está quase pronta, na cozinha, mas ele não reage, ela martela com a bengala, a porta range, aí está ele – o Erik Bye, sim, fantástico, ele não gosta de pastéis de peixe, a ela faltavam-lhe alguns dentes quando nos casámos, naquele tempo, com cinco anos de escola, então eu teria tido vantagem – foram eles que, eu não me importei, mas esse tipo sabe tocar a sério, gente jovem, estudou cinco anos no estrangeiro, em Paris, lembro-me bem dos Invernos na Islândia, ele gosta de música, agora sorri, escuta, gosta de música, dos guedelhudos e das suas drogas, ele nunca fala, eu até achava que ele era toxicodependente, daí este silêncio, esta música é aborrecida, provavelmente ele vai cantar daqui

a pouco, o Erik Bye, espera um pouco, quem sabe, música de dança tradicional.

– Oh, não! suspiro eu e levanto-me de costas direitas, ainda imponente nos meus sessenta anos, sim. Vou dar uma volta pela cozinha, de costas direitas, mais direitas que as dele, ele volta-se e segue-me com o olhar, também ele tem as costas direitas. Com ela ele fala, agora já fala.

– Subiste outra vez cá acima? A comida está pronta quando estiver pronta! De que é que andas à procura?

– Ele gosta de pastéis de peixe? pergunto eu, e sei que ela vai bufar, vai resmungar, sim, resmungar, como se eu quisesse que lhe servissem outra coisa qualquer, serão pastéis de peixe, só isso e nada mais. É este silêncio.

– Isso tens de perguntar é a ele, responde ela. Claro que ela responde isso. Ele ouviu, ele está sentado na sala de estar, de costas no sofá. Então vou eu perguntar-lhe se ele gosta de pastéis de peixe, ele endireita-se, claro que gosta, vê-se logo que ele gosta de pastéis de peixe, ele di-lo em voz baixa, tem voz de mulher. Eu devia ter-lhe perguntado se ele gostava de gambas, então ele teria dito a sorrir gambas, gambas. Nós nunca falamos. Achava eu.

– Pastéis de peixe! exclama ela. – Pastéis de peixe!

– Cala a boca! respondo eu e faço de conta que escuto o Erik Bye a falar com uma mulher negra, coisas de negros. Caramba, como ela martela com a bengala.

– Pastéis de peixe, volta ela a murmurar assustadora, as palavras arranham-me o ouvido, mas ao longe. – Era pastéis de peixe que querias? Então vai tu fazê-los. A tua mãe cozinhava quilos de pastéis de peixe diariamente, e eles comiam, aqueles oito homens, até que morreu. Pastéis de peixe.

– Eles comiam como as gaivotas, o teu pai e os irmãos dele, diz ela num tom mais suave. Sim, com a rapariga ela fala assim.

– Então o que há de mal nisso? pergunto eu, eu sei o que se está a passar, ela já tinha mencionado os pastéis de peixe

antes, e ele, ele tem os olhos fixos no televisor, olha fixamente, não fala, aperta os lábios, agora o Erik Bye põe o braço em volta de uma escurinha, uma mulher soberba, ele é um sujeito imponente mas baixo, franzino, enrola cigarros à mão, é fumador, para isso não pensa, não, aqueles dedos, dedos finos de senhora, como anzóis de pesca, que ficariam vermelhos da cor do sangue como uma barra de ferro ferrugenta à chuva, o Inverno na Islândia, as pessoas precisam de trabalhar para viver.

— Então o que há de mal nisso? pergunto eu e cheira-me a caldeirada de peixe, ele tem agora os olhos ainda mais fixos no televisor, o fumo espalha-se pela sala, a caldeirada de peixe é boa, a comida vai saber bem, comer é bom para quem trabalha.

— Ai, digo eu e quero levantar-me, mas continuo sentado. E olho para a mesma fotografia de casamento dos pais dela, uma fotografia da rapariga em criança, o módulo de parede com uma elegante aparelhagem que ele comprou recentemente e custou vários milhares, e olho para o quadro que comprei por meio milhar de coroas, com um barco e uma noiva, ele disse que era a pior imagem que alguma vez tinha visto, tenho ouvido isso vezes sem conta, a pior imagem, então não é suficientemente fina, suficientemente fina para os seus dedos delicados, ele acende de novo o cigarro, os poucos livros que ali estão, os poucos livros que ali estão, foram comprados a vendedores ambulantes de livros, e esse é um modo fino de dizer, foi ela que os comprou, ela compra a todos os vendedores ambulantes, agora cheira fortemente a comida, vejam como ele segura o cigarro, espetado no ar entre os dedos esticados, mesmo entre as pontas dos dedos, ele não fala comigo, nunca o faz, ele incomoda-nos, isso é quase certo, talvez, a nós que construímos esta casa — nós, nós não, eu, ele, tu, ele não, sou forçado a rir.

— Cozinhaste em fogo a lenha? pergunta ela e põe a terrina com a caldeirada de peixe sobre a mesa. Eu sirvo os pratos.

– A caldeirada de peixe está boa, digo eu, e como e como. Endireito as costas, limpo a boca e como um pouco mais. Uma meia fatia de pão e um copo de leite foi tudo o que ele comeu, agora saca do pacote de tabaco, repugnante, estranho, bom com comida.

– Rachaste a lenha? Ou tenho de ser eu? Lá está ela outra vez, a comida estava boa, fico sonolento de tanto peixe, pronto para ir-me deitar como o Erik Bye.

– Acho que me vou deitar, estou cansado. Hoje acordei cedo, pelas quatro horas da madrugada, digo eu e levanto-me, dirijo-me depressa para a porta do corredor. E ouço-a murmurar lenha, lenha atrás de mim. Lenha – raios me partam, não me lembrei da lenha. Caldeirada de peixe e lenha, depois televisão, nos últimos anos é sempre o mesmo. Da sala de estar para a cozinha, subir as escadas, agora estão a rir lá em baixo, ela e a rapariga soltam gargalhadas, ouço-o também a dar um fraco gemido. Sons vindos dele, olhos bem cerrados, lábios apertados, sons de um tipo que nunca diz nada, daqui a pouco vai passar o boletim meteorológico, há que ouvi-lo, sim, como nos velhos tempos, em todos aqueles anos de pescaria passavam sempre o boletim meteorológico, e era bom ouvi-lo, ele desce o corredor, precisa de ir à casa de banho, lavar a pila, e eu julgava que ele era toxicodependente, o pai dele é patrão – ou director, gerente, provavelmente director, hoje não faz demasiado frio aqui na sala, os Abba são bons a tocar, também eu gosto à brava desse tipo de música, ela adora os Abba, agora lava a pila para a rapariga, ela põe discos a tocar o dia inteiro – daqui a alguns anos, o dia inteiro, também eu, sessenta e quatro – nããã, sessenta e cinco tenho eu agora, e levanto-me às quatro da matina todos os dias da semana, de costas direitas, de dia ele dorme até tarde, pois dorme, talvez passe a noite acordado na cama, quem mais pensará na minha idade, tenho de ser eu próprio a lembrar-me, sessenta e cinco anos, às vezes tento pôr o meu braço em volta dela, então ela ri-se e

esquiva-se como um animal, então eu comprei a pintura, comprei-a logo depois de ele ter vindo para aqui pela primeira vez com a rapariga, há quatro anos, quatro anos, ou algo assim, sim, há dezasseis anos que dormimos em quartos separados, desde a última vez que ela ficou barriguda, ele nunca fala comigo, eu achava que ele tinha um cargo, lembro-me bem daquela ponte, uma ponte gigantesca, construir pontes, engenheiro de pontes ou, melhor, técnico de manutenção de pontes, as mãos enge-lhadas pela água fria do mar, hoje palavras pomposas, valsas, um número de dança, o boletim meteorológico da Noruega ocidental, chuva para as cidades, vento, estão a conversar um com o outro, o meteorologista está a ler qualquer coisa sobre... não gostas de estar aqui? pergunta ela, e ele responde murmurando, o que diz ele, talvez alguma palavra estrangeira, das gentes das grandes mansões, já chega de novo-norueguês, disse eu, então ele respondeu que isto foi o boletim meteorológico, exigências de todos os lados, peixe para os que não pescam, eles sobem as escadas, os passos da rapariga são mais pesados que os dele, a porta, as roupas são penduradas na cadeira.

– Estás encurvado, diz a rapariga, e ele responde, murmurando, eles falam, as palavras literárias dele são suaves, pode-se falar com ele, a rapariga fala com ele.

– Tu próprio podes fazer um esforço para te dares bem com ele, diz ela.

– Ele ignora-me por completo, sempre o fez, quer expulsar-me de casa com o seu silêncio e, raios me partam, vai consegui-lo, eu não estou minimamente interessado em lutar nesta sua guerra de silêncio, aquele velho ressequido é um idiota, no sentido original da palavra: um homem privado, sem outros interesses além da despensa.

– De onde foste buscar esse significado?

– De... raios me partam se sei de onde, era esse o significado da palavra nos tempos áureos da Grécia Antiga, nas

idades-estado... bem, devo tê-lo retido em alguma palestra sobre os diálogos de Platão, mas de que diálogo...

– Dá-me um beijo, diz ela, e ele continua a falar, oh, as palavras dele, idiota, idiota, guerra de silêncio, desistir, eu julgava que ele era toxicodependente, um guedelhudo, eles já não conversam, a criança dizem eles, diz a rapariga, o bebé está a gritar, é preciso mudar-lhe a fralda, tem de descer as escadas, o bebé deixa de gritar.

Um movimento no papel de parede, um sussurro, o rangido da cama aumenta mais e mais, o movimento no papel de parede, não vejo ali um movimento, um ligeiro tremor. No papel de parede com riscas azuis, ao meio, junto da imagem do rei Haakon, por cima da cómoda que comprámos, logo quando nos casámos, vejo ali um movimento. Na cómoda estão as minhas roupas, que a minha mulher lava, ela... a Bella, a Bella lava-as e arruma-as ali, todos os sábados me lavo, nos últimos anos tenho tomado banho, tiro roupa lavada da cómoda, a tal cuja parte de baixo treme, agora ouve-se o rangido. Ouve-se o rangido no quarto onde as minhas meninas dormiam quando eram pequenas, quando eu estava na Islândia, agora ouve-se o rangido ali. O vento fustiga a parede sul, assim mesmo, fustiga. Assim mesmo. O movimento no papel de parede. Ela, a Liv e ele – não, é a pequenina Tulla. E ele. Silêncio e livros. Ele. Ele, ela agora vai deitar-se, será que se lavou, talvez, apaga a luz, ele tem um crachá no casaco, ela martela a bengala até dentro do quarto. O movimento na parede acompanha o rangido da cama, o papel de parede com riscas azuis. Ele.

Cenas de uma Infância reúne num só volume o melhor da prosa curta de Jon Fosse, Prémio Nobel de Literatura. Algumas destas narrativas, como os pequenos retalhos coligidos que dão título ao volume ou «O Cabelo da Line», evocam as primeiras vezes — as amizades, as perdas, o amor, a descoberta do desejo, os momentos de felicidade e de fracasso retumbante — adentrando-se vagamente no terreno autobiográfico. Outras, como «Ele», o primeiro texto publicado do autor, ou «E então o meu cão há-de voltar», apresentam um cariz distinto, marcadamente onírico ou mesmo de crescente tensão, mas sempre no estilo minimalista e musical que caracteriza a obra de Jon Fosse.

Escritos entre 1981 e 2013 e seleccionados com a ajuda do próprio autor, estes textos permitem testemunhar a trajectória de uma voz literária inconfundível que foi aprimorada ao longo dos anos, demonstrando que também na narrativa breve Jon Fosse exerceu a sua mestria e inovação.

«Em Fosse, a fusão do quotidiano e do existencial, com as suas dramáticas incursões ao passado, compõe uma obra que não se consegue parar de ler.»

The Guardian


«A poesia ressoa por toda a escrita de Fosse, que procura a essência e a verdade.»»


El País



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [cavalodeferro](#)

 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-655-0



9 789895 836550